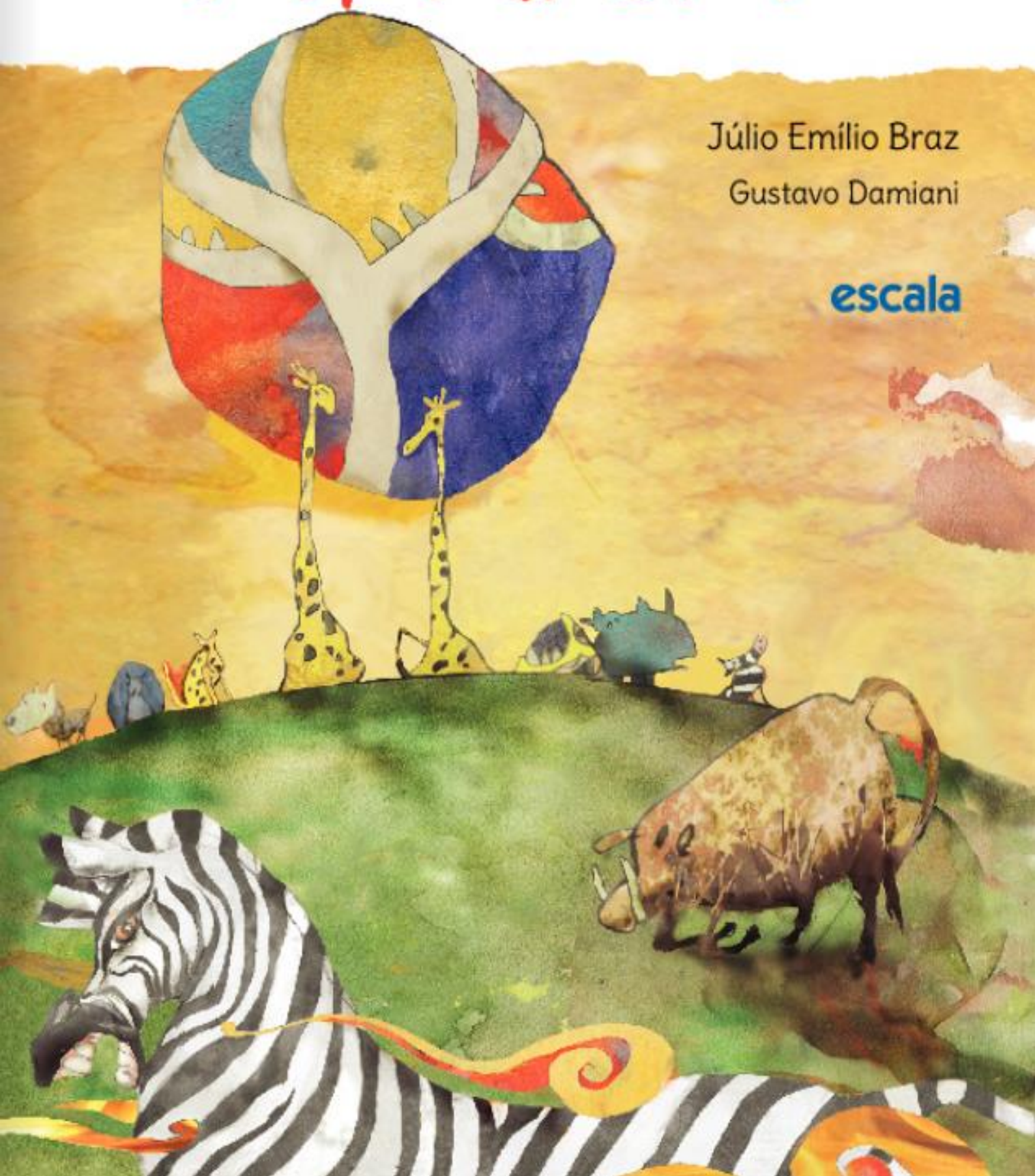


Cinco fábulas da ÁFRICA

Júlio Emílio Braz
Gustavo Damiani

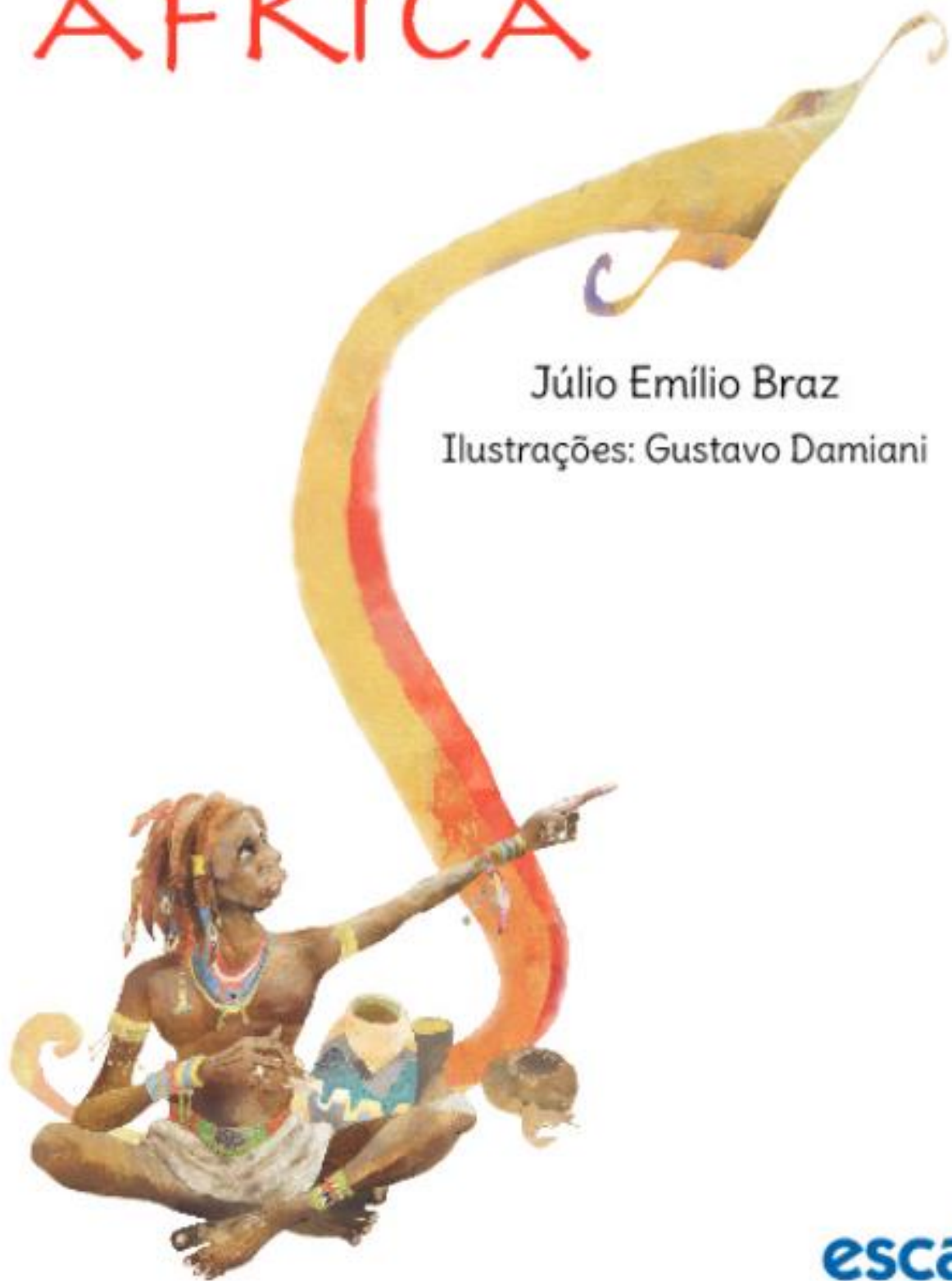
escala



Cinco fábulas da
ÁFRICA

Júlio Emílio Braz

Ilustrações: Gustavo Damiani



escala

Copyright © Júlio Emílio Braz, 2013

Direção editorial: Sandro Aloisio da Silva

Edição: Barbara Castro

Assistência editorial: Maria Luiza Lima Almeida

Coordenação de arte: Renné Ramos

Assistência de arte: Ruddy Carneiro

Coordenação de revisão: Miriam de Carvalho Abões

Preparação de texto: Alessandra Miranda de Sá

Revisão de texto: Graziela Marcolin e Valdivania Faustino

Ilustrações: Gustavo Damiani

Projeto gráfico: Sandra Donin

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
de acordo com ISBD

BB27c Braz, Júlio Emílio

Cinco fábulas da África / Júlio Emílio Braz ; ilustrado
por Gustavo Damiani. – São Paulo : Escala Educacional, 2018.
56 p. : il. ; 20,5cm x 27,5cm.

ISBN: 978-85-3772-332-6

1. Literatura infantil. 2. Fábulas africanas. I. Damiani,
Gustavo. II. Título.

2018-584

CDD 028.5

CDU 82-93

Elaborado por Odilio Hilario Moreira Junior - CRB-8/9949

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantil 82-93

1ª Edição- 2018

Todos os direitos desta edição reservados a

Edições Escala Educacional Ltda.

Av. Angélica, 2318 – 11º andar – sala 2 – Consolação

CEP 01228-000 – São Paulo – SP – Brasil

Fone +55 11 3855 2100

www.escala.com.br

pnld@escalaeducacional.com.br

SUMÁRIO



POR QUE O JAVALI VIVE DE JOELHOS
Lenda zulu

4



O SENHOR NÃO ME LEVE
E O SENHOR NÃO ME DIGA
Conto de Angola

16



O MANTO DE PELE DE BÚFALO
História contada pelos kurdis, do Lago Chade

26




COMO A ZEBRA FICOU LISTRADA
Conto tradicional zulu

36



A VESTIMENTA DO ÓRIX
História dos bosquímanos do Vale do Okwa

44



POR QUE O
JAVALI VIVE DE JOELHOS

Lenda zulu


A


criançada gritava e saltava, mas, sobretudo, falava. Falava, falava e falava. Sem parar. Sem dar tempo de as palavras se perderem no ar; antes, misturando-se e misturando-se, criando a maior das confusões.

A vovó achava tudo muito engraçado e, volta e meia, comentava:

— Nossa, mas como fala essa menina!...

E do que será que eles falavam?






Falavam da escola, de futebol, de comida, do último gíbi, e até — por que não? — da própria vida.

A vovó gostava de ficar ali, na varanda, com cara de quem está pensando em qualquer outra coisa, mas prestando a maior das atenções em tudo o que diziam. Aqui e ali, surpreendia-se rindo disto ou daquilo, impressionada com a inteligência de um ou com a matreirice de outro. Era tudo muito engraçado. Todos eram muito engraçados, até mesmo a maneira como resolviam os problemas e as confusões que apareciam entre eles.

Não precisava nenhum adulto se meter nem dar palpite. Brigavam, discutiam, discordavam, se empurravam, mas quase sempre acabavam encontrando uma solução, uma resposta, um jeito de se entenderem.



Esperteza?

Algumas vezes.

Inteligência?

Com certeza.

Bobo quem pensa que criança não pensa, repetia para si mesma, cheia de orgulho.

Claro, cada um do seu jeito, um com mais sagacidade do que o outro, mais comunicativo e falador do que outro, mais envolvente do que o vizinho, mas todos se entendendo.

Nenhuma novidade.

Afinal de contas, a vida não era assim?

Fosse criança, fosse adulto, a vida era sempre do mesmo jeito: tudo gostoso, trabalhoso, e, por isso mesmo, nunca perfeito.

Uma das facetas mais interessantes de todos era, sem sombra de dúvida, a curiosidade. Todos eles sempre queriam saber de tudo, a origem das coisas, o porquê disso ou daquilo, de onde vinha tal coisa, pra onde iam outras tantas, como se fazia determinado objeto.

Saber. Saber. Saber.

Todos tinham uma fome inesgotável de saber. Algo que parecia não ter fim.

E, claro, volta e meia apareciam na varanda para enchê-la de perguntas ou deixá-la um tanto sem graça ao admitir que não tinha determinada resposta.

Naquela manhã, logo depois do café, enquanto retirava o pouco que sobrara de pães e bolos, todos assistiam tranquilamente à televisão, quando um deles apontou para a tela e perguntou:

— Por que esse bicho vive assim?

Era um documentário sobre alguma parte do continente africano e o animal em questão era um javali.

— Assim como? — quis saber outro menino.

— De joelhos. Não é estranho?

— Estranho é você se preocupar com isso, cara!

Gargalhadas.

— Ué, não entendo isso...

— É o que há para entender? Eles ficam assim porque ficam.

— E isso explica tudo, não é mesmo, Einstein?

— Pra mim, é o suficiente.

— Que falta de curiosidade!

— Que exagero de curiosidade!

Nova discussão. Vozes se misturando, este tomando partido de um, os outros se aliando àquele, uma grande confusão. Depois de certo tempo, pouco importava a televisão ou mesmo quem tinha razão. O interessante de verdade era a discussão, que parecia estar bem longe de acabar.

— Vai ver que ele gosta dessa posição — opinou um.

— Ele fica desse jeito quando está cansado — garantiu um terceiro. E insistiu: — É uma posição como outra qualquer, não é?

Mais falação. Opiniões divergentes. Confusão crescente.

— Isso é mesmo importante? — quis saber alguém. — É um javali e pronto. Pra que saber mais?

— Pra não fazer esse tipo de pergunta boba, cara!

— Ah, a minha pergunta é boba, é? E a sua? É muito inteligente, não?

— Mais do que a sua...

O clima foi ficando mais quente entre garotos e garotas, de tal maneira que, após certo tempo, o que menos importava era o documentário, que continuava na telinha da televisão.

— Calma, gente — pediu uma das meninas. — É apenas um filme...

— Não é um filme — cortou um daqueles que defendiam ser muito interessante o fato de o javali ficar de joelhos. — É um documentário!

— Dá no mesmo. É tudo igual.

— Tudo igual é uma dúzia de ovos!

— Nem isso!

Virou bate-boca, e, antes que virasse um incontrolável bate na boca, a vovó veio de mansinho da cozinha e comentou:

— Eu sei por que o javali vive de joelhos.

Após um instante de silêncio, com todos os olhares convergindo para ela, um dos meninos resmungou:

— Xiii... Lá vem a vovó com mais uma daquelas suas histórias africanas.

— Justamente — ela concordou. — Esse bicho não vive lá?

— Vive...

— Pois então, nada mais natural que a explicação também vir de lá... ou estou errada?

— De jeito nenhum — respondeu outro menino.

— E qual é a explicação? — perguntou um outro a seu lado, os braços cruzados sobre o peito, aquele olhar enviesado despejando desconfiança pra tudo quanto era lado.

A vovó abriu um espaço entre eles no maior dos sofás da sala e, abraçando os mais próximos, principiou:

— O javali resolveu construir uma casa para ele e escolheu um antigo cupinzeiro. Com muito esforço, cavou e escavou durante muito tempo, até que o interior dele ficasse o mais confortável possível. Como era orgulhoso, não se descuidou em fazer uma entrada enorme num dos lados, para que quem quer que passasse pelas proximidades pudesse ver e admirar a bela toca que construía para si. Poderiam até invejá-lo; por que não?



— Mas que bicho mais besta! — comentou uma das meninas.
Vovó sorriu e afirmou:

— Ele não perdia uma oportunidade sequer de exhibir a nova toca para quem passasse por ali. Por exemplo: quando a girafa e o antílope passaram, ele mais que depressa se pôs a dizer: “Estão vendo onde eu moro? Ninguém possui uma casa tão bela quanto a minha!”

Foi assim com eles e com o leopardo, o búfalo, os diversos macacos, o elefante. Até as formigas que passavam era incomodadas pelo enorme orgulho que o javali sentia da nova casa. Mas sabem como são as coisas, não é? O orgulho e a vaidade, muitas vezes, podem resultar em coisas ruins, como a imprevidência e a falta de bom senso.

— Como é que é, vovó? — Todos se entreolharam, confusos, sem entender muito bem o que ela dizia, ou melhor, aonde queria chegar.

— Tudo aquilo que fazemos, para o bem ou para o mal, tem um preço que devemos pagar, e esse preço, na maioria das vezes, não se mede pelo dinheiro que temos, mas pelas consequências do que fazemos.

— Hem?

— Tudo o que a gente faz provoca uma outra coisa, que acaba sempre nos atingindo. Não foi diferente com o javali. Querem saber como foi?

— Claro que sim — respondeu um dos meninos, falando por todos.



Pois bem. Certo dia, Bhubeshi, o leão, passeava pelos arredores, quando o javali, mais cheio de si do que nunca, convidou-o para conhecer sua toca. Tarde demais, ele se deu conta da grande besteira que fizera, pois o leão tinha entre seus pratos mais apreciados a carne saborosa de javali. Para piorar, a porta da toca era grande o suficiente para permitir que o rei dos animais entrasse e muito provavelmente o devorasse.



Ao vê-lo marchar com altivez em sua direção, o javali se apavorou, perguntando-se: E agora? O que faço?

Impossível desconvidar, mas ainda pior era levá-lo para dentro de sua casa, pois com certeza seria devorado no instante seguinte.

O javali se desesperou e, enquanto o leão se aproximava, ficou pensando, pensando, e teve uma ideia. Usaria com Bhubeshi o mesmo truque que utilizara quando o chagal havia se oferecido para entrar em sua casa. Sem demora, se pôs de joelhos e levantou o traseiro para o teto, gritando:

— Tome cuidado, grande Bhubeshi! O teto está caindo!

Vendo que o leão continuava a caminhar sem dar nenhum sinal de medo ou de que fosse fugir dali correndo, insistiu:

— Corra, antes que despenque tudo sobre sua cabeça!

O leão parou e ficou abanando a grande e vistosa juba, uma expressão de pouco-caso estampada na enorme carranca. Não era tolo. Conhecia aquele truque. Outros animais na floresta já tinham vindo com a mesma conversa quando invadira a toca deles, e, depois da primeira vez, o truque se tornara inútil. Não se assustava mais.

— Está mesmo caindo, é? — rosnou, esforçando-se para não rir do pobre e indefeso javali, que tremia dos pés à cabeça, mal se aguentando de tanto medo.





Felizmente para ele, o rei dos animais já havia devorado outros tantos naquela manhã e sentia-se realmente empanturrado. Não tinha fome alguma naquele momento, por isso retirou-se sem molestá-lo. Antes, porém, valendo-se de sua grande autoridade, insistiu para que o javali, daquele dia em diante, vivesse sempre de joelhos em sinal de respeito e humildade, como castigo por ter feito pouquinho dos outros.

— Viram? O orgulho e a vaidade fazem isso com a gente e podem também nos manter apegados a certezas e opiniões equivocadas, que só servem para nos fazer discutir e brigar, como vocês mesmos fizeram agora há pouco.







O SENHOR NÃO ME LEVE
E O SENHOR NÃO ME DIGA


Conto de Angola


D

e repente, o menino apareceu chorando na varanda.

Preocupada, a vovó se apressou, juntando-se aos outros meninos e meninas que acudiam o coitado, este se queixando de dor aqui, dor ali, e sangrando com um corte na testa.

— Tá doendo! Tá doendo! — repetia, esquivando-se das mãos que procuravam ajudá-lo, mas, sobretudo, buscavam tocar naquele ferimento que não parava de sangrar.





— Deixe-me ver — pediu a vovó, procurando ser gentil e não deixá-lo ainda mais nervoso. Mas o menino chorava e se agitava, querendo fugir das mãos que desejavam apenas auxiliá-lo.

— Tem que passar mertiolate — opinou a menina de longas tranças e bochechas vermelhas.

O menino que sangrava se apavorou:

— Não, mertiolate não!

— Por quê? — quiseram saber alguns outros.

— Vai arder!

— Mas vai curar — argumentou o gordinho de traços orientais, os olhinhos praticamente fechados.

— Não vai não!

— Vai sim!



Um grandalhão careca e de grandes olhos acinzentados elevou sua voz de trovão em meio ao choro e à gritaria, afirmando:

— Eu avisei...

Todos os olhares se voltaram para ele, e mesmo o menino que chorava parou de soluçar só para encará-lo.

Apontando para o garoto que chorava, o grandalhão insistiu:

— Eu avisei, não avisei?

O menino baixou os olhos e, ainda aos soluços, deixou-o sem resposta. Parecia envergonhado.

Vovó se virou para o grandalhão e quis saber:

— Avisou sobre o quê?

Ele olhou mais uma vez para o menino que sangrava, ainda calado.

— Falei que não era para subir na árvore, porque ele poderia cair.

— E...?

— E ele não me ouviu.

— E caiu?

— Foi.

Vovó dirigiu um olhar carinhoso para o menino soluçante.

— Ah, coitadinho!...

Ele se encolheu e tentou fugir do abraço dela.

— Não precisa dizer nada... não precisa fazer nada... — Vovó falou. — Se não quiser, a gente não passa remédio nem faz qualquer outra coisa.

— Jura?



— Claro. O machucado é seu. A dor é sua também. Quando você quiser se livrar dela...

O menino hesitou:

— Não vai doer?

— Não posso prometer isso, querido...

— Então... — Os olhos do menino que chorava foram de um rosto a outro e, por um instante, todos tiveram a impressão de que pretendia sair correndo dali.

— ...mas acho que não vai doer mais do que já está doendo, e ainda pode melhorar.

— Pode?

— Tudo dói um pouco antes de parar de doer. É da vida.

— Acho...

— Acho que você pode me deixar olhar esse machucado enquanto eu conto uma história.

O menino ferido se interessou.

— História? Que história?

— Ah, para essa ocasião, acho que não tem melhor do que a do senhor Não Me Leve e do senhor Não Me Diga.

— Como assim?

Vovó sorriu e gesticulou para que uma das meninas sentadas ao redor dela e do menino trouxesse o cesto onde costumava guardar alguns remédios, esparadrapos e outras tantas caixas e rolos.

— Muito tempo atrás — começou ela —, o senhor Não Me Leve e o senhor Não Me Diga se estabeleceram como comerciantes em Luanda. Ganhavam muito dinheiro transportando suas mercadorias em grandes cestos até as regiões mais distantes, como Kifangondo. Acontece que, com o passar do tempo e a vida boa conquistada com os prósperos negócios, o senhor Não Me Leve começou a ficar preguiçoso.

Numa certa manhã, como tinham que transportar uma grande carga, o senhor Não Me Diga virou-se para o velho amigo e convidou:

— Vamos andando!

O senhor Não Me Leve bocejou longamente e, após se espreguiçar, pediu:

— Amanhã.

— Como assim, amanhã? Amanhã será tarde demais. Vamos logo...

— Preciso dormir.

— Mas...

— Só um pouquinho.

Como eram amigos de longa data, e suas famílias se davam muito bem, o senhor Não Me Diga concordou.

Deitaram-se. Com a chegada da noite, o senhor Não Me Diga virou-se para o amigo e insistiu:

— Podemos ir agora?

— Ainda não.

— Mas, amigo...

— Só mais um pouco...

Mais uma vez, o senhor Não Me Diga concordou.

Adormeceram.

Ao amanhecer, ele fez novo apelo:

— Agora vamos, meu amigo!

— Não seja tão ganancioso — argumentou o senhor Não Me Leve. — Já trabalhei muito na vida e não posso mais caminhar. Vamos descansar. Deixemos que os carregadores voltem para casa, para descansar como nós...

O senhor Não Me Diga, mesmo contrariado, pois não gostava de perder tempo, tampouco de perder dinheiro, concordou e dispensou os carregadores:

— Entreguem a carga que estamos confiando a vocês e, dentro de alguns dias, estaremos juntos em Ambaca.

Os carregadores partiram e, por mais alguns dias, os dois amigos ficaram deitados, o senhor Não Me Diga se aborrecendo mais e mais com a preguiça do amigo e sempre insistindo para que partissem. Como o senhor Não Me Leve parecia mais disposto do que nunca a nada fazer por um bom tempo, o amigo imaginou que estivesse doente.

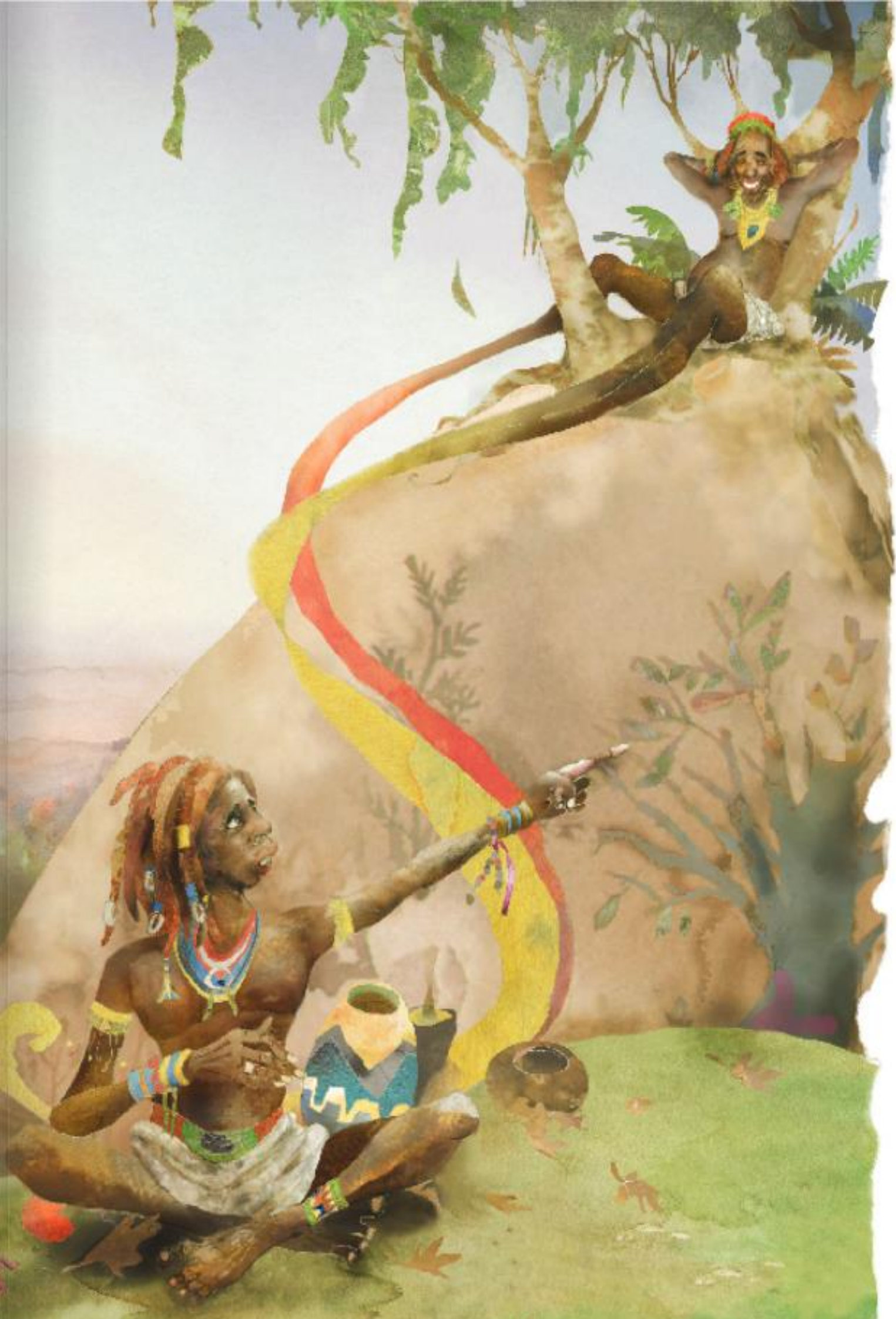
— Vou levá-lo a um médico — anunciou por fim.

— Não há necessidade! — protestou o senhor Não Me Leve, que de doente não tinha nada. — Só quero mesmo é descansar.

Pois vocês acham que o senhor Não Me Diga se convenceu ou deixou o amigo em paz? Nem pensar. Pior: com o tempo, foi se aborrecendo, se aborrecendo, até que, três dias depois, sem mais um pingão sequer de paciência, atirou o amigo nas costas e afirmou:

— Vamos ao médico agora!

De nada adiantou reclamar, protestar ou alegar que não estava doente.



O senhor Não Me Diga, que recebera tal nome por ser incapaz de ouvir quem quer que fosse depois de enfiar uma ideia na cabeça, carregou-o pela floresta e ao longo das estradas em busca de um médico.

O senhor Não Me Leve tentou fugir, mas o amigo não o largava. Depois de certo tempo, porém, chegou até a dormir sobre os ombros do companheiro. Não comia nem bebia. Enfraquecia. Ele e o amigo. Por fim, certo dia, o senhor Não Me Diga tombou ao chão, completamente exausto, derrubando o senhor Não Me Leve.

Machucaram-se, e teriam brigado se não estivessem tão cansados.

— Disse a você que não estava doente — resmungou o senhor Não Me Leve.

— Mas eu sou seu amigo e estava preocupado com você — argumentou o senhor Não Me Diga.

— Eu lhe disse que não precisava; só queria descansar.

— Mas você me parecia tão fraquinho...

Vovó olhou para o menino que ainda choramingava um pouco, enquanto passava um algodão bem de leve sobre o ferimento que ele tinha na testa.

— Por mais chato que pareça, neste mundo de Deus devemos ouvir os outros. Como dizem lá pelas bandas de Angola, quem não atende ninguém torna-se um animal selvagem, e por isso só encon-

trará quem lhe faça mal e ninguém que o proteja. E, se alguém não lhe fizer mal, muito certamente ele mesmo o fará a si próprio.

— Como é que é?

— Seu amigo só pensava no seu bem quando lhe disse para não subir na árvore, mas aposto que você pensou que ele estava apenas com medo ou não queria brincar com você. Estou errada?

Embaraçado, o menino fez que não com a cabeça e dirigiu um olhar para o grandalhão amuado sentado num dos degraus da escada que levava à varanda.

— Temos que ouvir os amigos — insistiu vovó. — Um amigo de verdade é um grande tesouro.

— Assim que a senhora acabar, vou pedir desculpas a ele — respondeu o menino, que agora não choramingava mais.

— Então já pode ir.

Vovó lhe deu um sorriso, inclinando-se e beijando-lhe a testa, onde acabara de fazer um curativo.

Ele se espantou:

— Acabou?

— É, acabei.

Vovó sorriu de novo, desta vez para si mesma, ao ver o menino se afastar e se sentar no degrau da escada, ao lado do grandalhão, o sorriso ficando largo quando os dois se abraçaram.



O MANTO DE PELE DE BÚFALO

História contada pelos kurdis, do Lago Chade

Avovó o encontrou na varanda. Ele chorava e estava abraçado a alguma coisa que, conforme ela se aproximou, percebeu se tratar de um gato. Na verdade, era o filhote de um gato. Um gatinho.

— O que foi? — perguntou.

O menino, os olhos marejados, estendeu-lhe as mãos e, exibindo o pequeno animal, respondeu:





— Está morto...

— Como é que é?

— Alguém matou o meu gatinho.


Ela o examinou com cuidado e, após um instante, tirou-o das mãos dele. Não foi difícil notar o ferimento profundo na cabeça do gato. Ele sangrava, e o corpo ainda estava quente. Imaginou que alguém o tivesse atingido com uma pedra.

— Você viu quem foi?

O menino sacudiu a cabeça dizendo que não.

— Gente má — ele falou por fim, limpando as lágrimas com as costas da mão, apenas para vê-las substituídas por outras.

Vovó viu perplexidade entre aquelas lágrimas, uma pergunta persistente mas sem resposta nos olhinhos tristonhos.



— É, querido — concordou a vovó —, gente muito má.

— Por quê?

— Vai se saber, não é? Tem gente que não gosta de bichinhos como eu e você gostamos.

— Mas precisa matar?

— É um pouco difícil explicar o comportamento de certas pessoas, querido, e confesso que gente que faz esse tipo de coisa tem o comportamento mais difícil de todos.

— Os bichinhos não fazem mal a ninguém...

— Fazem até bem para muitos, aliás.

— É...



Mais perguntas nos olhos tristes do menino.

Interrogação.

Perguntas dolorosas. Perguntas sem respostas.

Incompreensão.

Vovó o abraçou e beijou sua cabeça com muita ternura.

— Tem gente que costuma fugir ou agredir as coisas ou pessoas que não consegue entender — explicou ela.

— É pura maldade...

— Também, querido. Maldade, medo, ignorância, preconceito, tudo a mesma coisa, e tudo coisa ruim.

— E vai ser sempre assim?

— Quem sabe? Eu não sei. E você?

— Também não. Mas gostaria de entender...

— Então somos dois, querido. Eu, até hoje, não entendi muito bem.

— É difícil?

— Francamente, não sei. Alguns conseguem, outros encontram soluções meio estranhas...

— Que soluções?

Vovó sorriu.

— Vou lhe contar uma história.

— Sobre...

— Apenas ouça... — e passou a contar uma história que era mais ou menos assim...

Ao sul do grande Lago Chade, no centro do continente africano, um caçador solitário rastejava pelas margens do Rio Charí atrás de um pequeno cervo. Ao dobrar uma das curvas do sinuoso rio, surpreendeu-se ao avistar um grupo de mulheres sem roupa tomando banho. Eram jovens realmente lindas, que riam e brincavam dentro da água.

Aproximou-se silenciosamente, escondendo-se em um lugar onde pudesse observá-las melhor. Desviando o olhar das moças por um instante, encontrou vários mantos de pele de búfalo. Devem pertencer às mulheres, pensou, achegando-se um pouco mais.

Os mantos eram longos e espessos, o que o levou a pensar que qualquer um deles poderia muito bem aquecê-lo nas noites frias, tão comuns naquela região. Acabou apanhando sorrateiramente o mais macio dentre eles, e continuou escondido atrás de uma moita, observando as jovens no lago.

Nenhuma delas notou sua presença, pois, caçador dos mais hábeis que era, sabia como disfarçar ou ocultar sua presença das presas ou de quem quer que decidisse espreitar.

Enfim, as mulheres saíram da água e, uma após outra, foram se enrolando nos mantos. Imagine a surpresa do caçador ao ver que, assim que o manto cobria os ombros das jovens, cada uma se transformava em um búfalo.

Inacreditável.

Como era possível?

Mesmo que visse diante de si uma a uma se transformar em búfalos, que agora pastavam placidamente às margens do rio ou se distanciavam mata adentro, era difícil acreditar nos próprios olhos.

Seriam búfalos que se transformavam em mulheres, ou mulheres que se transformavam em búfalos?

Fosse o que fosse, parecia um sonho.

Todas partiram, menos aquela cujo manto ele roubara.

O caçador a acompanhou com os olhos, fascinado por sua beleza, sentindo-se culpado pelo desespero que a levava de um lado a outro, procurando algo que ele tinha em suas mãos. Por fim, abandonou seu esconderijo e correu ao encontro da jovem. Agarrou-a com firmeza para que não fugisse e tentou acalmá-la, sussurrando-lhe mansamente as palavras mais carinhosas e gentis. Aos poucos, conseguiu que ela o ouvisse e, cada vez mais apaixonado, insistiu para que se tornasse sua esposa.

A moça hesitou por alguns instantes, pois, afinal de contas, nunca vira aquele homem antes; estava diante de um completo desconhecido. Mas acabou encantada pela sinceridade de seu olhar, pelo extremo carinho com que era tratada.

Aceitou o pedido, porém, com uma condição: que ela pudesse de vez em quando colocar seu manto e partilhar da companhia de suas irmãs.

O caçador concordou e a levou consigo para a aldeia, e os dois viveram muito felizes, até que nasceu o primeiro filho deles. Muita gente se espantou, porque, quando a criança nasceu, guardava traços inconfundíveis de seus antepassados búfalos.

Um grande estranhamento tomou conta de todos. Tempos depois, à medida que o bebê crescia e se transformava ora em uma criança como qualquer outra, ora em um búfalo, como os avós maternos, o estranhamento transformou-se em medo.



E o medo converteu-se com rapidez em preconceito: muitos pais passaram a proibir os filhos de brincar com a criança-búfalo. O nascimento dos dois outros irmãos apenas piorou a situação para o casal.

O caçador e sua esposa foram obrigados a sair da aldeia, indo morar bem longe, e, volta e meia, muitos dos antigos vizinhos apareciam só para atirar pedras no casal e nas crianças. A insatisfação começou a rondar o coração do caçador, acompanhada de outros tantos sentimentos ruins, tais como a mágoa e o rancor.

Certo dia, ele reuniu toda a família e marchou para a floresta em busca da família da esposa. Encontrando suas irmãs, pediu-lhes que o transformassem em búfalo, pois não estava mais disposto a viver em um mundo tão perverso, onde qualquer um podia ser perseguido e maltratado apenas por ser diferente.

Depois que a vovó acabou de contar sua história, o menino olhou para o gatinho morto que tinha nas mãos, encarando-a em seguida.

— Tenho que me transformar num gatinho? — perguntou.

A vovó abriu um sorriso.

— Não, querido — ela respondeu. — Não precisa ir tão longe como o caçador. Se aprendermos a conviver com tudo e com todos, já seremos o gatinho, a árvore, o rio. Viver é aprender a conviver, até mesmo com as coisas e pessoas diferentes de nós.

— Mas as pessoas que mataram o meu gatinho...

— Elas ainda não aprenderam isso, querido. Sei que aceitar é difícil, mas quem sabe um dia você possa compreender e perdoar...

— É agora?

— A gente podia enterrar o gatinho e rezar para que, aonde quer que ele vá, possa ser mais feliz do que foi aqui.

— Estou com tanta saudade dele, vovó. Como se ele não tivesse morrido.

— As coisas não morrem tão facilmente, querido. Não enquanto não as esquecermos.

— Ué... não entendi!

— Você amou, deu amizade e carinho ao gatinho durante muito tempo, e ele fez o mesmo por você. Isso não morre tão depressa quanto o corpo da gente. Fica na lembrança, e, se tais lembranças são boas, ficam com a gente para sempre, ou pelo menos por muito tempo.

— É mesmo, vovó?

— Pode acreditar.





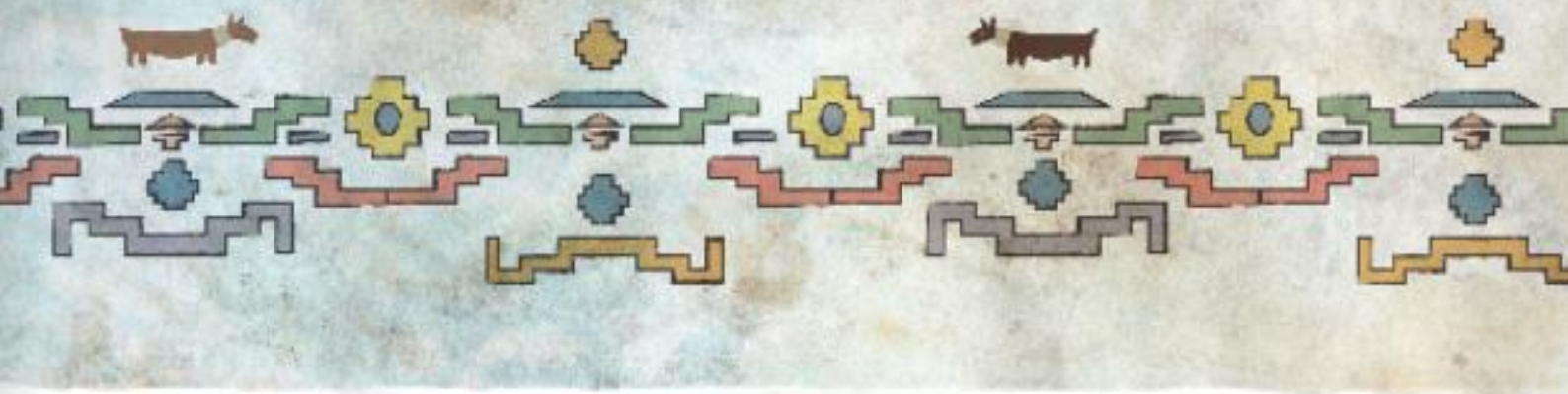
COMO A ZEBRA FICOU LISTRADA

Conto tradicional zulu

A

vovó sorriu. Compreendia perfeitamente aquele olhar. As crianças haviam esperado a manhã inteira por aquela história. Andavam de um lado para o outro a seu redor. Apareciam de tempos em tempos na cozinha e, diante da chuva caindo com força, sem dar mostras de cansaço ao desabar sobre tudo e todos, aguardavam com ainda mais ansiedade por aquilo que ela já habitualmente oferecia.





Comida? Sorrisos? O inesquecível suco de maracujá?
Mais, muito mais. O melhor daquelas manhãs-tardes que passavam com ela.

O que mais poderia ser?

Suas histórias, evidentemente. Ela nunca os deixava partir sem uma delas. Pareciam inesgotáveis. Jamais se repetiam. Eram sempre novas e sempre interessantes. Emocionantes. Misteriosas. Apaixonantes. Engraçadas.

Por fim, um deles, talvez mais ousado, ou apenas mais impaciente, chamou-a:

—Vovó...

Ela sorriu e, puxando os óculos para a ponta do nariz, encarou-o, dizendo:



— A história é assim: eu conto uma e depois você conta outra pra mim. Prontos?

Sorrisos. Muitos sorrisos.

— O que é que vai ser? — perguntou ela.

E a resposta, a mesma de sempre, veio bem depressa:

— Ah, vovó, a senhora pode escolher...

— Curiosidade.

— Como é que é? — Todos se entreolharam, confusos.

— Nunca quiseram saber por que certas coisas são como são?

— Como assim?

— Sabe aquelas perguntas que fazemos...

— Que tipo de pergunta?

— Por que a Terra é redonda? Quem nasceu primeiro: o ovo ou a galinha? Coisas assim...

— Sim, mas...

— Pois todo mundo já se fez tais perguntas e procurou por respostas. Ontem, hoje e muito provavelmente amanhã. É dessa curiosidade que nascem coisas como a televisão que vemos hoje, o avião em que voamos ou o celular que usamos. Sempre foi assim e, graças a Deus, sempre será. Somos curiosos, e sempre buscamos respostas para tudo o que acontece ou está a nossa volta. Na África não é diferente, e, entre os povos mais interessantes e curiosos, sem sombra de dúvida estão incluídos os zulus.

— Os quem?

— Os zulus, meu netinho. É um povo muito importante que vive no que hoje é a África do Sul.

— Ah, a terra do Mandela.

— Isso mesmo, do Mandela e de muitas outras pessoas importantes, como o reverendo Desmond Tutu, a escritora Nadine Gordimer, entre outros.

— E o que é que têm os zulus?

— Bem, como qualquer pessoa que observa, pensa e quer saber das coisas, eles sempre tiveram uma grande curiosidade. Desejavam encontrar respostas pra tudo, e, na falta delas, criavam as próprias explicações, que acabavam se tornando lendas muito engraçadas e interessantes.



— Vai contar uma pra nós, vovó?

— Vou...

— Qual?

— Vocês já se perguntaram como a zebra ficou listrada?

— Eu já — admitiu um dos meninos.

— Pois os zulus também, e eles encontraram uma explicação bem curiosa para as listras das zebras. Querem saber qual foi?

A manifestação em concordância foi entusiasmada. Em seguida, a vovó começou a contar que...

Há muito tempo, quando a Terra era bem jovem e tudo estava por fazer, diversos animais tinham a aparência diferente da que conhecemos hoje em dia.

A zebra, por exemplo, era branca como a neve que cobre o topo das montanhas, e o babuíno tinha pelos por todo o corpo, da cabeça ao rabo. A brilhante zebra branca era muito vaidosa e costumava passar horas e horas admirando seu belo reflexo no espelho de água de rios e lagos.

— Como sou bonita! — costumava dizer, cheia de si, sacudindo orgulhosamente a cabeça e balançando o rabo.

Um dia, ao avistar um babuíno muito feio na outra margem do Rio Umfolozi, pôs-se a falar:

— Olhe como sou bela, macaco feio!

Ela zombava cruelmente do pobre babuíno, a voz e a maldade ecoando em todas as direções, chegando além das montanhas próximas.



— Zebra imbecil! — reagiu o babuíno com raiva, erguendo a cabeça e cravando-lhe os olhos flamejantes.

— Pode ser mais bonita, mas eu sou bem mais forte!

Dito isso, desafiou-a para um duelo.

Na noite seguinte, sob a luz de uma grande fogueira, toda a tribo zulu veio assistir ao duelo da zebra contra o babuíno. Este, muito espertalhão, cercara previamente a fogueira com pedras.

Usando toda a sua habilidade — já que beleza não se põe na mesa e inteligência é joia rara —, rapidamente conseguiu encurralar a zebra, pressionando-a cada vez mais para perto do fogo. Quando já se encontravam bem próximos, a zebra descuidou-se, tropeçou nas pedras e caiu de costas sobre as toras incandescentes da fogueira.

Nossa, como ela gritou!

Gritou, saltou e esperneou feito louca, relinchando e correndo de um lado para o outro, fogo e fumaça queimando-lhe o rabo e os pedaços de madeira em brasa marcando a pele branquinha, branquinha com grandes listras negras.



A pobre zebra sofreu demais, e a dor foi tanta que, no auge dos protestos relinchantes e coices para tudo quanto era lado, um deles acertou o babuíno bem no traseiro. A violência do chute foi tão grande que nunca mais nasceram pelos no local onde a zebra o atingiu.

— É por isso — disse a vovó — que a zebra tem listras negras e o babuíno tem o traseiro rosado e sem nenhum pelo.





A VESTIMENTA DO ÓRIX

História dos bosquímanos do Vale do Okwa



ninguém entendia, muito menos a vovó.
— Mas, menina, você não disse que não gostava daquele vestido? — perguntou ela, virando-se para uma garota lourinha e emburrada que ia e vinha pela sala.

As outras crianças trocaram sorrisos, enquanto a lourinha não parava de andar para cá e para lá, detendo-se de vez em quando para encarar outra menina, uma negra alta e elegante que saía na companhia de um casal, provavelmente seus pais.





— É, né... — concordou a lourinha, muito a contragosto.

— Então?

— Então o quê?

— Então, eu não entendo. Por que está tão chateada com a sua amiga?

— Por causa do vestido, vovó — informou um dos meninos sentados no peitoril da janela.

— Ué, mas ela não gostava dele. — A vovó se virou para a lourinha e insistiu: — Não era o que você vivia dizendo?

— É, mas...

— É por isso que não estou entendendo. Se não gostava do vestido, por que ficou tão chateada com a sua amiga? Não foi você mesma quem deu o vestido para ela?



— Foi...

— E...?

— É que o vestido ficou lindão na Laurinha, e nela mais parecia um saco — explicou outro menino, um japonêsinho sorridente. — É por isso que ela está desse jeito.

Vovó dirigiu um olhar de censura para a menina.

— Ah, querida, a inveja é algo tão feio...

— Não estou com inveja não! — protestou a menina, agora ainda mais emburrada.

Gargalhadas. Que só serviram para irritá-la ainda mais.

— É verdade! — insistiu ela.

— Puxa, você nos enganou direitinho — retrucou o japonêsinho, zombeteiro.



Todos começaram a implicar com a lourinha, que, virando-se para a vovó, reclamou:

— Eles não estão acreditando, vovó.

— Nem eu mesma estou encontrando muita facilidade em acreditar nisso, querida.

— Mas é verdade, vovó. A Laurinha até me fez um favor, pois eu não gostava mesmo daquele vestido.

— Bem, pelo menos, era o que você vivia dizendo... — comentou a vovó.

— Ele era pesado, e aquelas cores...

— Parece até com a história da roupa do órix.

— Como é que é? — espantou-se a lourinha.

Um dos meninos sentados no peitoril da janela virou-se para os demais e, sorridente, anunciou:

— Prepare-se, galera, que aí vem história.

— É das africanas — acrescentou um outro.

— São as melhores — garantiu um terceiro.

Vovó sorriu e, puxando a lourinha para o grande sofá vermelho da sala, principiou...

Antigamente, o órix era um animal de porte desajeitado e coloração acinzentada, sem brilho nenhum, e também sem chifres. Naqueles tempos que há muito se vão, o órix morava na mesma região em que vivia o avestruz, à época dono de um magnífico casaco de plumagem preta e branca, pescoço longo e um dos mais belos pares de chifres que alguém já vira antes — era um animal dos mais elegantes que habitavam o mundo.

Todos viviam dizendo que o avestruz era o animal mais bonito daquele lugar, e o pior era quando o comparavam ao órix. Certo dia, sem mais suportar as comparações e tomado pela inveja, o órix desafiou o avestruz para uma corrida. Queria, precisava, necessitava realmente provar, sobretudo para si mesmo, que em alguma coisa, fosse lá o que fosse, conseguia ser melhor que aquela ave pernalta e cheia de vaidade.

— Posso correr muito mais rápido que você — provocou. — Sou tão mais rápido que seria até covardia apostarmos uma corrida em igualdade de condições.

— O que está querendo dizer? — perguntou o avestruz, fazendo pouco-caso do outro animal.

— Que vou lhe dar uma vantagem.

— Que vantagem?

— Vou carregar seus chifres e seu casaco preto e branco. Isso diminuirá o peso do seu corpo e vai igualar, pelo menos um pouco, nossas condições. Não que isso mude alguma coisa, pois mesmo assim posso lhe garantir: ainda terei todas as condições para derrotá-lo sem dificuldade.

O avestruz tentou manter a atitude de pouco-caso. Achava aquela proposta tola, realmente uma bobagem.

Contudo, o órix tanto insistiu que, enfim, diante dos outros animais da floresta, acabou aceitando o desafio.

— Vou aceitar, pelo menos para fazê-lo ficar de boca fechada — replicou.



O órix parecia um bobalhão. Andava como um bobalhão, todo desengonçado e sempre com aquela cara infeliz de cachorro abandonado.

Não bastasse, falava também como um bobalhão. Por fim, o avestruz constatou que também agia como tal. Como pode acreditar que vai me vencer? — perguntou-se.

Todos na floresta sabiam que o avestruz era mais veloz que o órix. Acreditando, portanto, que a vitória seria fácil, e até mesmo humilhante, o avestruz entregou-lhe os pesados chifres e o casaco preto e branco que trajava.





Largando na frente, o órix rapidamente se distanciou, liderando a corrida com astúcia e inesperada inteligência. Escolhia os locais mais pedregosos e irregulares, onde os cascos fortes lhe permitiam praticamente voar pelo terreno acidentado.

Atrás dele, o avestruz não acreditava no que via. Pior, capengava, incapaz de se igualar a ele em rapidez e habilidade para vencer os muitos obstáculos encontrados pelo caminho. Seus pés eram macios e, portanto, não estavam acostumados a tanto esforço. Mal conseguia ficar de pé, encontrando grande dificuldade até mesmo para saltitar sobre a superfície rígida e rochosa.



Num primeiro momento, sentiu-se impotente, pois, por mais que se esforçasse, o órix continuava se distanciando e, volta e meia, ainda se voltava para lhe lançar gracejos.

O avestruz o fitava com raiva e, ofegante, via-o sumir em uma nuvem de poeira.

Por fim, passou a xingá-lo e se pôs a lhe atirar pedras.

Enquanto olhava o chão em busca de novas pedras para atirar sobre o oponente, o órix ganhava mais distância, rindo e levando seus chifres e o belo casaco preto e branco. De uma hora para outra, o invejoso era o avestruz, e não mais o feio e desengonçado órix.

Por muito tempo, os dois ficaram sem se encontrar. A cada dia que passava, o órix orgulhava-se mais do novo casaco e dos belos chifres que ostentava, vaidoso, e com os quais aprendera a lutar com grande habilidade, tornando-se um combatente formidável e temido.

O avestruz, por sua vez, ficou remoendo a raiva, mas, sobretudo, a inveja, tendo se tornado alvo da zombaria dos outros animais da floresta.

Mesmo reconhecendo, com o passar do tempo, que havia muitas vantagens em não carregar os pesados chifres, sempre que encontrava o órix seu orgulho falava mais alto, e insistia em que ele os devolvesse. Inútil. O órix estava muitíssimo feliz com sua nova vestimenta e, ainda por cima, consideravelmente mais habilidoso e autoconfiante, os chifres tendo-o transformado em um adversário incomparável e respeitado.

Não lhe restou outra alternativa a não ser reconhecer a amarga derrota, apesar do alívio de não ter que carregar mais a antiga roupagem.

— Quem sabe eu possa convencer o órix a voltar a ser meu amigo e me proteger com meus antigos chifres — considerou o avestruz com sabedoria.

Aliás, é por esse motivo, e por nenhum outro, que o órix e o avestruz são quase sempre vistos juntos na savana.

Vovó olhou para a lourinha e perguntou:

— Por que você não faz a mesma coisa com a Laurinha? Pessoalmente, acho que vocês duas ficam bem melhor andando juntas, como as amigas que sempre foram.

JÚLIO EMÍLIO BRAZ nasci numa cidadezinha do interior de Minas Gerais chamada Manhumirim que em tupi-guarani quer dizer Água Pequena (e é pequena mesmo). Leio desde que me entendo por gente e escrevo profissionalmente desde os vinte e um. Comecei com histórias em quadrinhos, depois veio a literatura infantil e juvenil, a televisão (escrevi roteiros para o programa *Os Trapalhões* na TV Globo no início da década de 1990 e novelas para a televisão paraguaia), os livros de bolso (escrevi mais de 400 com 39 pseudônimos diferentes) e outras tantas literatices (já fiz até discurso para político). Comecei com o pé direito na literatura infantojuvenil: *Saguairu*, meu livro de estreia, ganhou o Jabuti de Autor Revelação em 1989. Tenho trabalhos publicados fora do Brasil, e com um deles, *Crianças na escuridão*, em sua versão alemã (*Kinder im dunkeln*), recebi três prêmios literários em 1997, na Suíça, Áustria e Alemanha.

Adoro o que faço e desejo fazê-lo até o último dia de minha vida.



GUSTAVO DAMIANI é um ilustrador argentino. Estudou na Escola de Belas-Artes de Buenos Aires.

Foi aluno de Daniel Castro (pintor construtivista, discípulo de Torres García). Participou de exposições de HQ e ilustração na Argentina.

Desde 1998 trabalha como editor e ilustrador do Ministério de Educação da Nação Argentina e, em 2007, começou a ministrar cursos de ilustração editorial na Escola de Arte La Ola.

Ilustra livros infantis desde 1994 para editoras da Argentina, Espanha, Israel e México.

Merecem destaque as ilustrações que fez para as seguintes editoras: Aique, AZ, Ateneo, Al Arco, Colihue, Estrada, Kapelusz, Larousse, Long Seller, Oxford, Plus Ultra, Puerto de Palos, Santillana, Guadalupe, Incluir (ONG), Unicef, Ministério da Educação e do Trabalho da província de Buenos Aires na Argentina; Edebé na Espanha; Weissberger em Israel; e Progreso no México.





Este livro foi composto
em Bernhard Modern e Papyrus,
em fevereiro de 2013.



Este livro traz cinco fábulas do continente africano narradas por uma avó que adora contar histórias para crianças inteligentes e curiosas como você. Em uma delas, o javali, para exibir sua nova toca, acaba se colocando em perigo. As outras falam da importância de ouvir os amigos, de conviver com as diferenças, de vaidade e de inveja. E assim, com as deliciosas histórias da vovó, a sabedoria dos povos africanos chega até você de modo divertido!

escala

ISBN 978-85-3772-332-6



9 780037 723326